



MODA E REPRESENTAÇÕES ÉTNICAS: PERCEPÇÕES DO PÚBLICO QUANTO AO RACISMO ESTRUTURAL

John, Valquiria M.; Dr^a; Universidade Federal do Paraná, vmichela@gmail.com¹
Milla, Debora C.A.C.; Mestranda; Universidade Federal do Paraná,
deboramilla@gmail.com²

Resumo: O artigo tem como objetivo propor uma reflexão a respeito do racismo e as condições que subjazem a perpetuação de seus discursos. À luz de autores como Van Dijk, Fairclough e Wodak, o esquadrinhamento da pesquisa parte da análise de comentários realizados na rede social Facebook, em qual uma marca de roupas renomada, teve a ilustração de uma de suas peças de coleção, associada a escravidão.

Palavras chave: Racismo; moda; análise crítica do discurso.

Abstract: The objective of this article is to propose a reflection regarding of the racism and the conditions that subjugate the perpetuation of their discourses. In light of authors as Van Dijk, Fairclough e Wodak, the scanning of the research starts of analyze the comments in the social network Facebook, in which a renowned brand clothes, had the illustration of one their collection pieces, associate to slavery.

Keywords: Racism; fashion; critical discourse analysis.

Introdução

Em 10 de julho de 2017, a marca carioca de roupas Farm, publicou em sua página da rede social Facebook uma retratação quanto à repercussão negativa de uma estampa de sua coleção. Tal estampa, considerada racista,

¹ Professora do Programa de Pós Graduação em Comunicação - PPGCOM e do DECOM da Universidade Federal do Paraná - UFPR. Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui graduação em Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí (2000) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004).

² Mestranda na linha de Comunicação e Política no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR (2018). Especialista em Marketing Empresarial pela UFPR (2012). Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela UTP (2003).





teve ilustração associada ao Brasil Colônia e a pessoas negras como escravos. A polêmica foi motivada após o empresário e blogueiro Jota C Angelo publicar em sua página pessoal na rede: “Eu realmente tô bem cansado de dar lbope pra branco, mas é impressão minha ou a Farm fez uma reprodução da polêmica estampa da Maria Filó com mulheres negras representadas como escravas na casa grande?! Olhem os detalhes da manguinha desse top e me dizem se é coisa só da minha cabeça?”³ O empresário faz referência à também carioca Maria Filó, que, no ano de 2016, foi acusada de racismo de modo semelhante. As publicações nas redes sociais de Angelo “viralizaram” e culminaram em um acirrado debate público na página “adoro Farm” quanto ao teor da imagem estampada.

Estes comentários postados em resposta a retratação da marca, constituem o *corpus* do qual o presente artigo tem o objetivo de aprofundar o entendimento, mediante análise crítica de discurso, acerca dos cenários de representação da realidade, seus significados e as condições que subjazem discursos racistas neles contidos. À luz de autores como Borges e Borges, Hall, Saussure e Van Dijk, esta pesquisa de natureza empírica objetiva aprofundar o debate e propiciar reflexão a respeito do que é o racismo, como ele é percebido, no intento de combater a sua continuidade e a perpetuação da desigualdade social que acarreta.

Farm, Moda e Facebook

A marca Farm foi criada em 1997, na cidade do Rio de Janeiro, pelos sócios Katia Barros e Marcello Bastos e, até o ano de 2016, os empresários somavam 70 lojas próprias distribuídas em 22 estados do país, onde trabalham 1.700 funcionários. Há, ainda, 1.048 lojas multimarcas que revendem seus produtos. A grife tem um estilo contemporâneo e é conhecida por vestidos e

³ Disponível em:

<https://www.facebook.com/jotac.angelo?hc_ref=ARTTWq3hZMxIYeUDthCmqQV7FkAhDXvAN68urAU9iFVeX2GdqVaGf7Js8LNpuejNiwo&fref=rf> Acesso em 10 de junho de 2018





cores vibrantes. Atualmente, após uma fusão negociada com a marca Animale, as duas grifes fazem parte do Grupo Soma. No ano de 2016, obtiveram um faturamento em torno de 425 milhões de reais e as estatísticas projetam evolução de 22% ao ano.⁴ Já se lançaram no mercado internacional e desenvolvem parcerias (collabs) entre outras grandes marcas. A marca é uma das preferidas do público feminino de classe média a alta e é percebida como um fenômeno em ascensão no ramo da moda.

A palavra moda deriva da francesa *mode*, que tem em seu significado o termo “modo”, relativo ao modo de proceder, agir, portar ou mesmo expressar (POLLINI, 2007, p.19). Com a modernidade e o avanço do capitalismo, a importância de sua expressão é, muitas vezes, restringida à conveniência de seu aspecto mercadológico e econômico, relacionando-a a uma condição efêmera e produtiva financeiramente (LIPOVTESKY, 1989). As áreas que circundam direta e indiretamente suas atividades existem há séculos e tem, a partir do Renascimento, não a origem, mas um início de evolução. Entre rufos e rendas, o símbolo da grandiosidade e prestígio social das cortes européias era evidenciado. De lá para cá, a moda sofreu intensas modificações e foi inserida de uma maneira mais democrática (SVENDSEN, 2010). O assunto permeia não mais somente a uma classe elitizada, mas ao cidadão comum, seja por seu apelo comercial ou sua exposição nas mídias, que constantemente abordam a temática em revistas, jornais, filmes, cinema, tv (SVENDSEN, 2010). E no mundo acadêmico não é diferente. O interesse como objeto de estudo científico vem se modificando e expandindo ao longo do tempo. Em pesquisa a respeito da produção acadêmica na área, em um período de 10 anos, de 1997 a 2007, o número de trabalhos que era de 8 no ano de 1997, aumentou em 8 vezes, passando para 64 trabalhos datados em 2007 (

⁴Disponível em: < <https://vejario.abril.com.br/cidades/farm-completa-20-anos-com-faturamento-de-meio-bilhao-de-reais/>> Acesso em 25 de junho de 2018.



NAGATA, M., 2010, p.62). Tal condição aproxima-se à ideia de quanto a moda representa significativamente um universo a ser explorado quanto seu teor de importância e relevância social. Há de se considerar que em todos os âmbitos da sociedade a moda tramita e que ela transcende campos de estudo, permeando investigações em antropologia, sociologia, psicologia, comunicação, além de corresponder à cultura, à arte, à política. Para Lipovetsky (1989, p.155), 'é preciso deslocalizar a moda, ela já não se identifica ao luxo das aparências e da superfluidade, mas ao processo de três cabeças que redesenha de forma cabal o perfil de nossas sociedades.' Segundo o filósofo Simmel (2008), a moda perpassa entre um processo de imitação e de diferenciação no qual a pertença de um grupo confirma sua existência e sua essência num contexto social. À vista disso e em busca de interpretações da realidade social vivida é que o estudo faz uso de uma ferramenta, que compõe o novo cenário das relações humanas e comunicacionais, o Facebook.

Em sua página oficial do Facebook, a marca Farm possui em torno de dois milhões de curtidas e seguidores ativos. As redes sociais digitais, nas quais o Facebook também se enquadra, são espaços instrumentais onde reside o exercício de discurso público, elas possibilitaram a exposição de ideias e manifestos que aproximam-se da concepção de convivência na praça pública de Ágora e seus argumentos proferidos por "homens livres" (ARISTOTELES,1998). Em certa medida há na rede, similaridades e dissimilaridades que evocam o ideal de Ágora proposto por Aristóteles, no qual o debate e a deliberação, constituíam um dever do "animal político" (ARISTÓTELES, 1998). Ainda que, a deliberação e a tomada de decisões não façam parte do acesso por vias tecnológicas de redes sociais, é inegável que a liberdade concedida para demonstração de discursos em rede é permitida a todos os cidadãos. A rede social mais utilizada, o Facebook, atinge, segundo Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, 48% dos brasileiros e destes, 83% utilizam



a rede Facebook, sendo potencialmente ativos na internet de segunda a sexta e aos fins de semana⁵. Essa revolução da internet, que surgiu com o intuito de uma estratégia de poderio militar, acabou por proporcionar o que muitos autores apontam como uma revolução social. Estar na rede, exteriorizar conflitos, valores e sentidos percebidos constitui prática comum do exercício em comunidade.

Discurso, Mídia e Racismo

O discurso, apesar de configurar uma expressão de caráter único e pessoal, tem por base a externalização de um contexto social. A análise crítica do discurso (ACD), na qual se debruçam autores como Fairclough, Van Dijk, Wodak, entre outros, tem o intuito principal de investigar a “relação entre linguagem e poder”, como enfatiza Wodak (2004, p. 2). A autora ressalta ainda que:

Levando em conta as premissas de que o discurso é estruturado pela dominação; que cada discurso é historicamente produzido e interpretado, isto é, está situado no tempo e no espaço; e que as estruturas de dominação são legitimadas pelas ideologias dos grupos que detém o poder, a abordagem complexa defendida pelos proponentes da LC e da ACD possibilita a análise das pressões verticalizadas, e das possibilidades de resistência às relações desiguais de poder, que figuram como convenções sociais. A partir dessa perspectiva, as estruturas dominantes estabilizam as convenções e as naturalizam, isto é, os efeitos da ideologia e do poder na produção de significados são mascarados, e assumem formas estáveis e naturais: eles são tomados como ‘dados’. (WODAK, 2004, p. 4)

Essa investigação crítica, que tem em seu teor o desvelamento das estruturas de poder e a busca por uma sociedade mais igualitária, é definida também por Fairclough (2012, p. 308) como uma análise de combinação de ‘semioses’ (língua, linguagem e imagens) ‘com elementos das práticas sociais’, onde tais práticas são produzidas, dentre outras, no cotidiano. Assim, o

⁵ Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>> Acesso em 28 de junho de 2018.



discurso leva em consideração o meio no qual ele é produzido e de que forma influências externas como crenças e instituições definem a base de apropriações discursivas ditas pelo público. Conforme também relata a respeito desse estudo, Van Dijk destaca:

[...] interessa-nos investigar, por exemplo, de que modo uma entonação específica, um pronome, uma manchete jornalística, um tópico, ... entre uma gama de outras propriedades semióticas do discurso, se relacionam a algo tão abstrato e geral como as relações de poder na sociedade. Isto é, de alguma forma precisamos relacionar propriedades típicas do micronível da escrita, da fala, da interação e das práticas semióticas a aspectos do macronível da sociedade como grupos, organizações ou outras coletividades e suas relações de dominação. (VAN DIJK, 2015, p.10)

Neste entendimento, o processo de reconhecer as nuances que caracterizam enunciados ocultos e que acabam muitas vezes reproduzindo atitudes preconceituosas por parte daqueles que as pronunciam, tem propósito especial aqui e se coaduna com a pesquisa proposta por Teun A. Van Dijk, a respeito de racismo, discurso, poder e suas relações com as estruturas sociais e políticas.

Desse modo, a característica típica apresentada pelo autor como central na exteriorização do racismo é a sua negação. Eis um exemplo sobre o qual Van Dijk (2015, p.155) é enfático em salientar: ‘não tenho nada contra negros, mas...’, sendo o “mas” uma conjunção adversativa que exprime contraste ou compensação. Segundo ele, esta “autoapresentação positiva”, seguida de uma opinião de viés intolerante, demonstra uma absorção de discursos públicos, que tem o intuito estratégico de ‘não parecer racista’, de ‘transparecer uma imagem positiva’, de ‘não ser julgado’, sendo a forma mais intrínseca de uma ‘lealdade a grupos brancos’ ou ‘ignorância sobre o racismo e suas formas’. Para o autor, o racismo é assimilado pela imposição do discurso de um grupo branco dominante, ‘as elites simbólicas’, que é composto por instituições, organizações e pessoas que possuem um poder e influência na formação da opinião (VAN DIJK, 2008, 2015). Parafraseando as palavras de



Beauvoir (1967, p. 9), segundo a qual 'ninguém nasce mulher: torna-se mulher', é possível dizer que também, ninguém nasce racista, torna-se racista.

Há de se convir que tanto no discurso público quanto nas representações do que vem a ser o outro, as estereotípias e a quase invisibilidade negra ainda predominam. As estratégias que ensejam moldar o que intentam subentender como normal à sociedade, constituem o que traz à luz Hall (2016, p. 190), práticas de naturalização de tipos sociais, expondo a alteridade retratada através de efeitos reducionistas a características essenciais. Práticas que interligam noções e fazem associações entre 'primitivismo, malandragem, preguiça' a 'negritude', por exemplo. (HALL, 2016). Essas são dispostas e representadas tanto na cultura popular, como na mídia e habitam o imaginário social. (HALL, 2016). Nestes termos, o autor adiciona que 'a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a diferença'. (HALL, 2016, p. 191). Contribui para uma imposição hegemônica que diferencia o "nós" daqueles que são "os outros", confere uma "estrutura binária" estereotipada entre opostos e/ou objetificam homens e mulheres negras, reduzindo-os a órgãos sexuais. (HALL, 2016).

Nos questionamentos a respeito da "diferença", cabe salientar, autores como Saussure e sua relevante contribuição para os estudos culturais. Hall (2016, p.153) discorre sobre a fundamental abordagem lingüística ao funcionamento da cultura referenciando as reflexões de Ferdinand de Saussure e seu entendimento da "diferença" como crucial para a manutenção do significado, pois a existência do significado depende inerentemente do contraste de seu oposto para coexistir. À vista disso, e no que concerne ao aprofundamento acerca do que representa e vem a ser o outro, é preciso considerar que as identidades coletivas sofrem de permanente deslocamento e Hall destaca que:

A experiência contradiz a noção de que a identificação acontece de uma vez por todas - a vida não é assim. Ela vai mudando e parte do



que está mudando não é o núcleo do "eu real" interior, é a história que está mudando. A história muda sua concepção de eu. Outra coisa crítica sobre a identidade é que ela é em parte a relação entre você e o Outro. Somente quando há um Outro você pode saber quem você é. Descobrir este fato é descobrir e revelar toda a enorme história do nacionalismo e do racismo. O racismo é uma estrutura de discurso e uma representação que tenta expelir o outro simbolicamente - apagá-lo, colocá-lo lá longe no Terceiro Mundo, na margem. (HALL, S.; CERNICCHIARO, A. (trad.), 2016, p.323)

O racismo presente no discurso pode ser verificado na mídia, em telenovelas, jornais, revistas, que ainda promovem uma onipresença branca em detrimento da negra, obstaculizam uma efetiva inclusão étnica e muitas vezes abordam o “outro” através de uma representação estereotipada. (VAN DIJK, 2008). Para Borges e Borges (2012), a narrativa jornalística trata os negros de forma espetacularizada, evidenciando-os sob aspectos de julgamento moral negativos, representando-os de forma inferior e dada como natural, além de refutarem a própria existência de racismo.

Segundo Van Dijk (2008), essa naturalização de desigualdades, das quais a discriminação e o preconceito fazem parte, tem propósito de legitimar uma superioridade branca, frente à população negra, na medida em que seus privilégios sejam salvaguardados e a dominância branca mantida.

Essa opressão social é também descrita pelo sociólogo Souza (2017), o qual questiona a falta de reflexão a respeito do que é e por quanto tempo perdurou a escravidão no Brasil e suas consequências, além de considerar que ela ainda se perpetua, tendo apenas transmutado de forma de exploração. Ele afirma que o preconceito racial está profundamente ligado a uma luta de classes, no qual uma elite, amparada pelo mito de uma democracia racial, reforça e dissemina sua soberania. (SOUZA, 2017).

Procedimentos de Análise

O método que norteia o desenvolvimento da pesquisa é a análise crítica do discurso (VAN DIJK, 2008), sendo que o procedimento central da



análise se detém na pragmática dos atos comunicativos e teve por objeto a coleta de 1.770 comentários realizados no *post*, do dia 10 de julho de 2017, onde a marca Farm faz a retratação 'pelos sentimentos negativos gerados'. Deste, foram excluídos um total de 770, por conterem palavrões, símbolos, desenhos, imprecisão, ambiguidade de termos, ou mesmo, apenas marcação de nome de outro usuário da rede social. O instrumento para coleta utilizado foi o Netvizz, programa responsável pela raspagem de dados no Facebook, o qual permite que posteriormente sua aplicação seja exportada a uma planilha de Excel.

A análise partiu da coleta e análise manual de 1.000 comentários expressos, onde 606 deles não identificaram a imagem com conotação racista e/ou questionaram a marca pela conduta exercida, 343 se sensibilizaram, e/ou se sentiram ofendidos, percebendo a gravura com conotação racista e 51 que não entenderam a polêmica. Para dar continuidade à investigação de dados, a pesquisa recortou os 606 comentários a fim de identificar se há neles indício de discurso racista e, se sim, como ele se configura. Estes foram submetidos a uma análise lexical através do software *Iramuteq*, e, posteriormente, a “nuvem de palavras” gerada permitiu a evidenciação das falas e suas interpretações.

Análise e Discussão dos Resultados

“Esta é a nossa estampa ‘Rua do Mar’. Ficamos tristes com a repercussão negativa despertada por ela. Não era esta a nossa intenção. Estamos retirando as peças do nosso site e lojas. Pedimos desculpas a todos pelos sentimentos negativos gerados”⁶. Foi com este texto, junto a uma figura de estampa de roupa, publicado em sua *fanpage*, que a marca Farm se retratou do ocorrido e deu origem a um debate em rede a respeito do racismo.

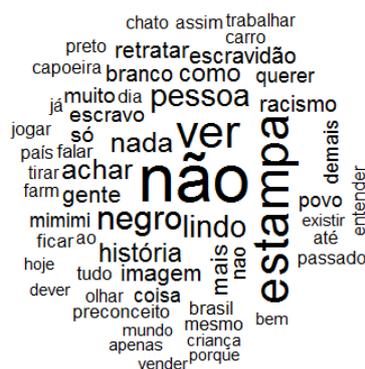
⁶ Disponível em: < <https://www.facebook.com/adorofarm/photos/a.331580433524403.102504.172629466086168/1802862876396144/?type=3&theater> >
Acesso em 10 de junho de 2018.



A publicação mencionada teve 1,9 mil “reações”, as quais são geradas através da escolha dos usuários por símbolos que transmitem a ideia de uma palavra (“emojis”) e que são disponíveis para interação do usuário com a publicação. Essa mesma postagem teve 157 compartilhamentos e recebeu mais de 1770 comentários⁷.

Destes 1770 comentários, somente 606 foram selecionados para análise, pois, conforme salientado acima, foram os que não identificaram a imagem com conotação racista e/ou questionaram a marca pela conduta exercida.

Figura 1: Nuvem de palavras - comentários



Fonte: as autoras, 2018 (Iramuteq)

A nuvem de palavras demonstra as maiores e menores ocorrências de termos. Nesta, é necessário destacar que aqueles de maior tamanho e traços mais grossos correspondem às palavras que mais foram citadas nos comentários coletados e os menores seguem de maneira inversamente proporcional no quesito de ocorrência. Dentre eles, visto que a seleção compreendeu somente os comentários que ensejavam discursos teoricamente ‘racistas’, podemos perceber que há a sobreposição da palavra “não” em

⁷ Coleta realizada pelo programa Netvizz em 10 de junho de 2018 na fanpage “Adoro Farm”, em relação ao total de comentários da publicação de 10 de julho de 2017.



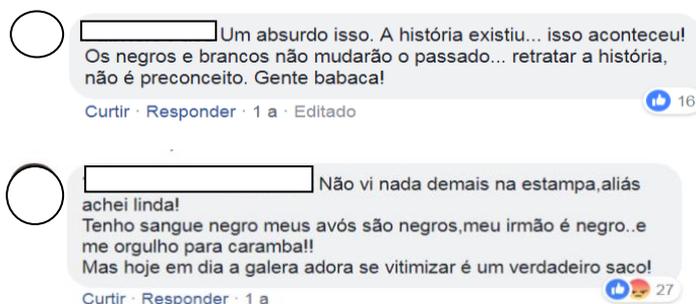
relação à totalidade do conjunto. A palavra “não” é um advérbio de negação, contestação ou oposição. Ela foi mencionada 458 vezes e é apresentada na maioria das falas. A conexão da palavra “não” é preeminente a três outras palavras: “ estampa”(309), “ver”(273) e “negro”(179)⁸ . Nesse contexto, pode-se ter um relatório visual das principais frases ditas em tais comentários. Dentre os comentários analisados, diversos deles enfatizaram que “não viram nada demais”, assim como “não viram racismo” ou mesmo que “a estampa só conta uma linda história”.

A ligação entre os termos acentua a predominância de alguns discursos que acabam por demonstrar a negação da existência do racismo em questão. Há, ainda, numerosos comentários que associaram termos como “gente” “mimimi”, “chato” e/ou “tudo”, “preconceito”, “racismo”, numa clara menção aos que reclamam, se sensibilizam, e/ou pertencem a um grupo que se manifesta contrário a referenciais discriminatórios. E outros ainda que tentaram atestar que a estampa não evidenciava racismo, através da exposição de outros elementos na imagem como “carro”, “capoeira”, “criança”, “retratar”, “povo”, “passado”, “gente”, “trabalhar”, entre outras. De tal modo que a intencionalidade fosse descaracterizar a reivindicação daqueles que se sentiram ofendidos, fundamentando-se em argumentos expositivos que demarcassem e deslegitimassem a contestação efetiva. Mesmo que a ilustração pudesse ensejar dupla interpretação, Van Dijk (2015, p.196) expõe que estratégias discursivas de negação do racismo, amparam-se no desenvolvimento de práticas, conscientes ou não, de um esforço de ‘argumentação apoiado em fatos’ e que tendem a ser uma ‘proteção cognitiva contra a perniciosa acusação de intolerância e racismo”.

⁸ Número referente a quantidade de vezes nas quais as palavras foram mencionadas/citadas nos comentários.



Figura 2: Comentários Facebook 1



Fonte: <https://www.facebook.com/adorofarm/photos/a.331580433524403.102504.172629466086168/1802862876396144/?type=3&theater>. Acesso em 10 de junho de 2018

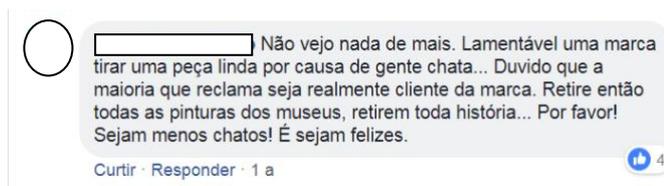
Observa-se no 1º comentário da página anterior, que a conduta adotada pela marca, de se desculpar pelo ocorrido e retirar a peça de circulação, além da própria polêmica em si, ensejou indignação por parte do usuário da rede, que argumenta que retratar a história não é preconceito. Segundo estudo de Van Dijk (2015, p.179), uma das estratégias do discurso racista consiste na negação e contra-ataque. No comentário em tela tais estratégias se evidenciam, primeiramente, na menção que une “negros e brancos”, na tentativa de compor uma equiparação entre os dois “grupos”, seguida da frase que enfatiza: “não mudarão o passado”. Tal justificativa tenta abarcar a condição de “verdade” propriamente dita, fazendo uso do que seria tido como “senso comum” a respeito da história, sendo ela considerada “natural” e impossibilitada de modificar-se. Ademais, na aceitação de uma ordem natural de ocorrência dos fatos, o autor do comentário desconsidera todo o processo de combate a narrativas não críticas que difundam imagens que perpetuem e/ou legitimem a condição de escravidão.

No 2º comentário, é possível verificar que, no discurso da negação, onde o autor relata “não vi nada demais”, a contrapartida para fundamentá-lo é a justificativa de sua herança genética negra. Van Dijk (2015, p.164) acentua que esta forma é amparada por uma estratégia cognitiva e social na qual ‘nega-se



seu caráter preconceituoso, justificando-o', ou seja, no caso apresentado acima, a tentativa de fundamentação é "validada" por uma condição de pertencimento ao mesmo "grupo".

Figura 3: Comentários Facebook 2



Fonte: <https://www.facebook.com/adorofarm/photos/a.331580433524403.102504.172629466086168/1802862876396144/?type=3&theater>. Acesso em 10 de junho de 2018

Neste 3º comentário, além da mesma frase utilizada, na qual o autor salienta: "não vejo nada de mais", é concebível detectar que além da negação, este exemplo contém ainda duas complementações discursivas que revelam sua intencionalidade. Em "duvido que a maioria que reclama seja realmente cliente da marca", o autor do comentário faz referência à condição de classe pertinente a autores de comentários anteriores ao dele (em sua maioria, negros); os quais se opuseram à ilustração da estampa. Ainda, na frase, "retire então todas as pinturas dos museus, retirem toda história", o recurso empregado é o que Van Dijk (2015, p.180) reconhece como chantagem moral, ou seja, uma tentativa de provocar a 'simulação de censura'. Este argumento baseia-se em dizer que 'os antirracistas não só desconhecem a verdade sobre a sociedade multicultural, mas também impedem os outros (nós) de dizer a verdade.' (VAN DIJK, 2015, p.180). Nesse sentido, segundo o autor (2015, p.158), é "o discurso social da negação que persuasivamente contribui para a construção do consenso branco dominante".

Assim, mesmo reconhecendo que ações explícitas racistas são vetadas pela legislação, pode-se dizer que as leis não são capazes de obstaculizar que ações, ora de violência, ora sutis, sejam disseminadas. E não somente as ações refletem um sistema racista, as relações sociais seguem um padrão



regido pela “normalidade”, que tem na estruturação do seu discurso em sociedade, no seu processo histórico e em sua condição política, uma maneira de perpetuação racista, ou seja, um condicionante de um racismo estrutural.

Considerações Finais

Em síntese, o que pode-se verificar a partir dos resultados de análise é que a reprodução do racismo em discursos, que por muitas vezes sobrevém de forma oculta/escusa, é comumente encontrada em conversas diárias, no cotidiano. Com efeito, os comentários analisados neste artigo apontam para pelo menos dois pontos centrais: a negação da existência do racismo e a tentativa de apagar as visões críticas que o percebem. O que estes discursos revelam, ademais, é que a perpetuação do racismo não se restringe apenas à discriminação explícita como aquela punida pela lei, mas também por um tipo de racismo de caráter implícito, e que, por isso mesmo, tende a se disfarçar em refinados processos de discriminação, ao ponto de produzirem sentidos, influenciarem crenças e serem publicamente exteriorizados. E de sobremaneira, diversos desses discursos, ecoam perante a irreflexão acerca do que está sendo propagado. Correspondem, em muitas vezes, a uma apropriação de discursos enraizados de tal forma, que é nítido perceber que muitas falas são semelhantes em seu contexto, como “tudo é preconceito”, “mimimi” ou mesmo que “este mundo está chato”. Estas referências performam a visão daqueles que acreditam que o advindo de algo ou alguém politicamente correto, prejudica a liberdade de fala e de ação. E ainda, alguns destes também compartilham da visão de que os sensibilizados e/ou ofendidos, se apoderam de uma condição de vítima em sociedade, desprezando o contexto social histórico tanto da pesarosa herança da escravatura como da permanência de ações discriminatórias.



O debate e reflexão a respeito do racismo brasileiro e suas condições de manutenção deveriam se tornar freqüentes. Certamente, a provocativa que intenta e prossegue fazendo com que ele seja previamente exposto e salientado, deve manter-se ativa e em constante progresso para que o racismo seja suprimido. No meio acadêmico, é possível através do debate, na comunicação entre os pares, nas publicações sobre o tema, nos eventos acadêmicos. Para além da vida acadêmica, há de se pensar em maneiras que o conhecimento exposto, ultrapasse os muros da academia e que o enfrentamento de práticas discriminatórias, seja conjunto, a um permanente combate a discursos racistas.

Referências

- ARISTÓTELES. Política (Edição Bilingue). Tradução Antônio Campelo Amaral e Carlos Gomes. Lisboa: Vega, 1998.
- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.
- BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane. Mídia e racismo. Coleção Negras e Negros: Pesquisas e Debates Coordenação: Tânia Mara Pedroso Müller. Petrópolis, RJ: DP et. al. Brasília, DF: ABPN, 2012.
- FAIRCLOUGH, Norman; DE MELO, Iran Ferreira. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. Linha d'Água, v. 25, n. 2, p. 307-329, 2012.
- HALL, Stuart; CERNICCHIARO, Ana Carolina (Trad). Etnicidade: identidade e diferença. Crítica Cultural – Critic, Palhoça, SC, v. 11, n. 2, p. 317-327. 2016.
- Nagata, M.Iara - Revista de Moda, Cultura e Arte - São Paulo - V.3 Nº3 dez 2010
- LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero. São Paulo: Companhia das Letras, v. 2016, 1989.
- POLLINI, Denise. Breve história da moda. Claridade, 2007.
- SIMMEL, Georg. Filosofia da Moda e outros ensaios. Trad., intr., notas Artur Morão. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.
- SOUZA, Jesse. A Elite do Atraso - Da Escravidão à Lava Jato. 1ªed. Rio de Janeiro: Leya, 2017
- SVENDSEN, Lars. Moda: uma filosofia. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. 2010.
- VAN DIJK, T. A. Racismo e discurso na América Latina. São Paulo: Contexto, 2008.



_____. Discurso e Poder. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD—um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. Linguagem em (Dis) curso, v. 4, p. 223-243, 2010.

